

Joaquim Machado  
José Matias Alves  
Ilídia Vieira  
Valdemar Castro Almeida  
(orgs.)

# **PROJETOS EDUCATIVOS MUNICIPAIS**

**Dinâmicas de construção, implementação e monitorização**

**Atas do Seminário Internacional**

Auditório da Biblioteca Almeida Garrett – Porto

23 e 24 de janeiro de 2013

**Faculdade de Educação e Psicologia**  
**Universidade Católica Portuguesa**  
**Porto, 2014**

**Apoio**



**Título** PROJETOS EDUCATIVOS MUNICIPAIS: Dinâmicas de construção, implementação e monitorização. Atas do Seminário Internacional

**Autores** Joaquim Machado; José Matias Alves; Ilídia Vieira; Valdemar Castro Almeida; [orgs.]

**Edição** Universidade católica Portuguesa. Faculdade de Educação e Psicologia

**Data** janeiro 2014

**ISBN** 978-989-96186-6-4

---

# Índice

---

<b>Apresentação</b>	5
<b>Descentralização e desenvolvimento municipal e metropolitano</b> <i>Luís Valente de Oliveira</i>	9
<b>Comentário</b> José Maria Azevedo	16
<b>Territórios Educativos e Conselhos Municipais de Educação</b> <i>Fernando Ilídio Ferreira</i>	22
<b>Comentário</b> Valdemar C. Almeida	35
<b>La educación una responsabilidade de todos: los proyectos educativos de ciudad</b> <i>Roser Bertran Coppini</i>	37
<b>Comentário</b> Ilídia Vieira	57
 <b>Dinâmicas de cooperação intra e intermunicipal no campo da educação e da formação</b>	
<b>A cooperação institucional para a educação e formação sob o signo da equidade e da proximidade</b> <i>Isabel Cruz</i>	63
<b>Planos educativos e formativos e níveis de decisão</b> <i>César Oliveira Ferreira</i>	69
<b>Um desafio inédito – Um Projeto educativo à escala metropolitana</b> <i>Lino Ferreira</i>	72
<b><i>PortoEducador: Um Olhar para o Futuro</i></b> <i>Guilhermina Rego</i>	75
<b>Comentário</b> Maria do Céu Roldão	76

## **Projetos Educativos Municipais – Experiências e boas práticas**

<b>1. Município de Gondomar</b>	82
<i>Fernando Paulo</i>	
<b>2. Município de Matosinhos</b>	83
<i>António Fernando Correia Pinto</i>	
<b>3. Município de São João da Madeira</b>	84
<i>Dilma Nantes</i>	
<b>4. Município de Sesimbra</b>	85
<i>Elisa Chaves</i>	
<b>Comentário – A celebração dos atos criadores e dos envolvimento</b>	87
<i>José Matias Alves</i>	

---

# Comentário: A celebração dos atos criadores e dos envolvimentos

*José Matias Alves*

Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

---

Este painel apresentou um conjunto de práticas de educação e de formação que contêm em si mesmas exemplos de referência, que poderão ser analisadas, adaptadas e apropriadas por diversas organizações sociais, designadamente municípios outras entidades que fazem da educação e da formação uma questão central. Como se sabe, as inovações não podem ser decretadas, não podem ser exportadas porque isso entraria em choque com a realidade, isto é, correriam o risco de não serem reconhecidas como pertinentes e adequadas ao contexto e aos atores. Mas podem ser apropriadas e importadas se os atores e os contextos virem nelas motivos de inspiração e mudança positiva.

Os exemplos aqui apresentados podem constituir-se como fatores de atração e mobilização de vontades porque contêm um conjunto de características que as singularizam e distinguem. E é nesta singularidade e distinção que podem atrair a atenção das comunidades educativas.

Permitam-me que enuncie sete fatores particularmente relevantes e que atravessam todas elas:

1. Respondem a um imperativo de mais política, isto é, mais serviço às pessoas concretas. Políticas mais atentas, mais sensíveis, mais participativas. Políticas ao serviço das pessoas e da sua realização nos múltiplos planos do ser e estar.

A escala municipal em que estas práticas se planeiam, concretizam e avaliam é um exemplo concreto de *territorialização das políticas*. A política como missão de

serviço ao outro, a partir da escuta das suas necessidades e potencialidades, pode ser uma forma de reconciliação entre o cidadão e a *política* e de abrir caminho para dispositivos mais avançados de democracia.

2. Revelam uma preocupação em ver problemas e oportunidades de *des*envolvimento. De um modo geral, os exemplos de boas práticas significam ações de envolvimento (não há desenvolvimento sem envolvimento), revelam uma ambição de transformação (para melhor) das condições de vida das pessoas, compreendendo os problemas e vendo as oportunidades. Traduzem uma visão mais integrada do território e mobilizam instituições de diversa natureza. E assentam em compromissos de implicação, responsabilidade e prestação de contas (mesmo que esta esteja muitas vezes implícita).

3. Elevam as possibilidades de um conhecimento mais lúcido, sensato, humano, transformador. Porque estão próximas das pessoas, as ações são obrigadas a ser mais lúcidas, mais consistentes, mais coerentes, mais significativas. E por isso, são mais humanas porque potenciam a realização dos seres humanos nas suas múltiplas dimensões. Poderíamos provavelmente sustentar que a proximidade, *o rosto do outro*, torna as políticas mais humildes, mais exigentes e mais estimulantes para todos os que intervêm na *polis*.

4. Evidenciam o *esforço de integração e articulação* de práticas. As *boas* práticas têm de ser naturalmente integradas e articuladas. E isto torna-se possível também por efeito da escala e da densidade da ação política. Os vários departamentos que promovem as ações estão inscritos na mesma matriz da ação social, onde o diálogo pode acontecer com mais sentido e eficácia. E pode acontecer porque há um conhecimento *pessoal* que facilita e promove o *reconhecimento*. Talvez se possa sustentar que a integração e articulação só são viáveis quando existe um reconhecimento (e um respeito) da autonomia e das singularidades do outro.

5. Revelam que só há ação social e educativa com pessoas que fazem parte da *polis*. E porque são parte, têm o dever e o direito de participar. Como se disse, as pessoas não são apenas destinatárias, utentes ou usuárias das práticas. São também seus sujeitos, co-construtores da vida que lhes é proporcionada. Este é, provavelmente, um dos fatores mais críticos do êxito dos projetos de intervenção. Quando as pessoas (as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos) são chamadas

a ser mais do que consumidores; quando se sentem parte de um todo e coautores de projetos *consentidos* estaremos perante uma renovação da própria democracia.

6. Focalizam no essencial da vida que é a *aprendizagem*. As ferramentas que nos permitem ver e melhorar o mundo. Que nos permitem desaprender os hábitos e as rotinas que nos encerram e limitam. Aprender mais, ser melhor em termos pessoais e sociais é um imperativo que pode tornar a comunidade melhor. A generalidade destes projetos são espaços, tempos e dinâmicas de interação e aprendizagem. E são também por isso momentos de gratificação.

7. Autorizam-nos a pensar, inventar, criar mais sentido para a vida. Não há vida humana sem sujeitos, sem autores, sem criadores do nosso destino. Os projetos aqui apresentados são uma *profissão de fé* de que *outros mundos são possíveis* e que essa possibilidade está nas mentes e nas mãos das pessoas que não desistem de criar: mais esperança, mais exigência, mais sentido, mais comunidade.

Sete motivos para nos congratularmos, aprendermos e felicitaros quem construiu estes horizontes de educação.